

A Santa Vinha de David

JOAQUIM O. BRAGANÇA

Professor Jubilado da Faculdade de Teologia (UCP), Lisboa
Primeiro Director da revista *Didaskalia*

Observações preliminares

As aclamações litúrgicas

Antes do comentário teológico, que directamente nos interessa, importa ter em mente algumas observações de vária ordem. A primeira diz respeito à expressão εἰς τοὺς αἰῶνας, que nos aparece várias vezes na *Didaché*, inclusive na doxologia final do Pai Nosso. Esta expressão é habitualmente traduzida por “Glória a ti *pelos séculos*”. Em português esta tradução é um tanto fruste. A palavra αἰών tem, em nosso entender, significado bem mais vigoroso e denso.

Se consultarmos o excelente *Dicionário de grego clássico* de Bailly¹, na palavra αἰών vemos que pode ter vários significados: duração da vida, vida, tempo, eternidade, de toda a eternidade, conforme as variadas circunstâncias. Bailly cita explicitamente duas passagens do Novo Testamento e dá-nos a respectiva tradução.

¹ A. BAILLY, *Dictionnaire grec-français*, Librairie Hachette, Paris 1950, pp. 53-54.

A primeira é Gal 1, 5: *cui est gloria in saecula saeculorum* (Vulgata); por toda a eternidade da eternidade (Bailly); a Ele a glória pelos séculos dos séculos (TOB).

Tudo isto nos faz lembrar a conclusão de certas orações na liturgia romana: “Per omnia saecula saeculorum (por todos os séculos dos séculos)”.

A segunda citação de Bailly é uma passagem da Epístola aos Efésios (Eph 3, 21): *ipsi gloria in ecclesia et in Christo Jesu in omnes generationes saeculi saeculorum* (Vulgata); por todas as gerações de toda a eternidade (Bailly); a Ele a glória pelos séculos dos séculos (TOB).

É caso para nos perguntarmos se esta aclamação, tão próxima da *Didaché*, não existiria já, nos primórdios do cristianismo, nas comunidades a que se dirige a tão discutida Epístola aos Efésios.

Falta-nos um olhar para o magnífico *Dicionário patrístico*, elaborado em Oxford². Aí se verifica que o significado da palavra αἰών se torna ainda mais transparente. Eis algumas citações, a título de exemplo: período de indefinida duração; idade no sentido de eternidade; a eternidade do Filho de Deus; a duração da existência de um anjo; milhares de milhares de anos, como desde a criação até ao juízo final; a idade da vida futura.

Estes exemplos bastam para justificar a nossa opção, que consiste em acrescentar a palavra *eternidade*, tantas vezes referida nesta breve exposição, à nomenclatura habitual. Assim sendo ficará *eternidade dos séculos*.

A “Birkat ha-mazon” e as preces da “Didaché”

Outra problemática a levantar é a de saber qual terá sido o grau de influência da *Birkat ha-mazon* na elaboração das preces de acção de graças dos capítulos IX e X da *Didaché*. A *Birkat-ha mazon* é a oração de acção de graças que, no judaísmo, é recitada a seguir às refeições. O melhor trabalho nesse sentido é, em nosso entender, o de Kurt Hruby³. Segundo este grande sábio “a prece de acção de graças da *Didaché*, dependendo muito embora da *Birkat ha-mazon*, ultrapassa-a por um antagonismo consciente, que está

² G. W. H. LAMPE, D.D. *A Patristic Greek Lexicon*, Oxford 1961. Os editores explicam no prefácio: “The object of this work is primarily to interpret the theological and ecclesiastic vocabulary of Greek Christian authors from Clement of Rome to Theodore of Studium”, pp. 55-56.

³ Kurt HRUBY, “La Birkat ha-mazon”, in *Mélanges Liturgiques offerts au R. P. Bernard Botte OSB*, Louvain 1972, p. 205-222.

inteiramente na linha de evolução das relações entre o cristianismo nascente e o judaísmo”⁴. Diríamos em síntese que a *Didaché* não depende inteiramente mas inspira-se na *Birkat ha-mazon*.

Neste contexto, importa recordar um trabalho mais recente⁵ que vai aproximadamente na mesma direcção. O autor pensa que a anáfora depende da prece judaica, mas considera insuficientes os modelos judeus para explicar a génese literária da anáfora.

Qual a natureza das preces eucarísticas?

Outro problema a levantar, verdadeiramente crucial, é o de saber qual a natureza das preces dos capítulos IX e X da *Didaché*. Tratar-se-á da Eucaristia propriamente dita ou de preces pronunciadas à mesa, aquando das refeições ordinárias das comunidades cristãs, a anteceder a verdadeira Eucaristia?

Esta problemática agitou grandes espíritos durante décadas. Willy Rordorf dá-nos uma panorâmica destas posições, em trabalho publicado em 1976⁶. Ele é do parecer que se trata simplesmente de uma ágape, e que esta é a opinião mais corrente, citando vários sábios em apoio desta posição.

A contracenar com esta opção, há também vários e grandes autores que sustentam que as preces em questão constituem uma verdadeira Eucaristia – parecer aliás hoje unanimemente aceite. Importa por isso pôr em relevo a argumentação em que baseiam.

Historial das principais posições

Já nos princípios do século XX, L. Duchesne se debruçou sobre a problemática da *Didaché*. Este importante estudioso transcreve e comenta os capítulos IX e X⁷.

Segundo ele é mais do que evidente que o ritual e as fórmulas da *Didaché* procedem de um meio muito diferente daquele em que escreveram S. Justino e S. Clemente, e de um meio ainda pleno de entusiasmo intenso.

⁴ *Ibid.*, p. 215.

⁵ Cesare GIRAUDO, *La Struttura letteraria della preguiera eucaristica*, Roma, Biblical Institute Press 1981.

⁶ Willy RORDORF, “*La Didaché*” in *L’Eucharistie des premiers chrétiens, Le point théologique*, Beauchesne, Paris 1975, p. 13.

⁷ L. DUCHESNE, *Origines du Culte Chrétien*, Paris 1908, p. 52-53.

Os profetas têm aí um papel importante: os espíritos estão excitados, inflamados, na expectativa do reino de Cristo.

A liturgia descrita na *Didaché*, continua, tem o semblante de uma anomalia; poderá fornecer alguns elementos de composições posteriores, mas no conjunto está fora do normal, da linha geral do desenvolvimento (da anáfora), quer pelo ritual quer pelo estilo.

Meio século depois, aproximadamente, L. Bouyer, um dos espíritos mais lúcidos e avançados do seu tempo, retoma a problemática. Ele é do parecer que a *Didaché* nos conservou o mais antigo exemplo das formulações da Eucaristia, em que a Igreja, como Cristo na Ceia, se serviu ainda de fórmulas judias, dando-lhes simplesmente, por alguns incisos, sentido novo às suas expressões, por vezes nem sempre felizes, destinadas a precisar o sentido que lhes são dadas.

Ele sublinha em *itálico* esses aditamentos, no texto dos capítulos IX e X assim, por exemplo, logo na primeira bênção (sobre o cálice) sublinha: “que tu nos fizeste conhecer por Jesus teu servo”. E do mesmo modo sobre a bênção do pão⁸.

Um dos últimos esclarecimentos sobre os capítulos IX e X da *Didaché* vem-nos da parte do mais prestigiado investigador das origens da liturgia cristã, Paul Bradshaw, professor de liturgia na Universidade de Nôtre Dame, Indiana, Estados Unidos⁹.

Ele comenta as considerações, também recentes, de dois liturgistas Alan Garrow e Alistair Stewart-Sykes, e conclui que, partindo do princípio que as preces dos capítulos IX e X possam ser antigas e autênticas, a maneira como a *Didaché* as apresenta é sem dúvida muito recente e inteiramente artificial, e por conseguinte pouco nos diz sobre a estrutura das celebrações eucarísticas primitivas¹⁰.

⁸ L. BOUYER, *Eucharistie. Théologie et spiritualité de la prière eucharistique*, Desclée, Paris 1956, p. 118-119.

⁹ Ver o seu trabalho publicado em tradução francesa, três anos depois do original inglês, *La Liturgie Chrétienne en ses origines*, Cerf, Paris 1995.

¹⁰ Ver “Une nouvelle explication de *Didaché* 9-10”, in *La Maison-Dieu*, fasc. 245, 1º trimestre de 2006, p. 149-157.

Introdução

O presente trabalho tem por título *A santa vinha de David*. Esta formulação não é nossa, mas encontra-se no capítulo IX, 2 da *Didaché*, documento que remonta às primeiras décadas do cristianismo: “Nós te damos graças pela santa vinha de David... que nos revelaste por Jesus...”

O conjunto desta investigação, porém, não se circunscreve apenas à análise teológica deste capítulo – estudo que faremos em pormenor mais adiante – mas alargar-se-á também aos séculos II e III. A razão é simples. Brillhantes personalidades do cristianismo retomaram a temática da *vinha*, renovando-a e aprofundando-a em várias direcções e latitudes, com mensagens diversificadas de natureza teológica e espiritual, ainda hoje plenas de actualidade.

O mais antigo destes escritores (meados do século II) é Hermas, famigerado autor da obra de natureza judeo-cristã, *O Pastor*. Seguem-se S. Justino o Mártir e Santo Ireneu de Lyon, este o mais prestigiado de todos. Por fim, o mártir e genial Santo Hipólito de Roma, do século III.

A estes escritos acrescentaremos uma breve apresentação do célebre apócrifo da *Dormição de Maria* (Vaticano grego 1982), porque nele vemos a figura central, a Virgem Maria, proclamar: “Eu sou como a *videira* fecunda no meio deles”, isto é, dos Apóstolos.

Em todos estes documentos sentimos a frescura espiritual das origens, em dupla ressonância. Dum lado, o peso unânime da tradição a sentir pelo mesmo diapasão; do outro, o reflexo mais ou menos acentuado do judeo-cristianismo.

O judeo-cristianismo, com efeito, é a grande redescoberta das últimas décadas do século XX, de importância primordial para o diálogo com o judaísmo e caminho aberto para a reconciliação da unidade perdida no seio do cristianismo. Estas pistas e referências serão postas em relevo na devida altura. De momento, lembraremos uma obra recente sobre esta temática, justamente intitulada *O judeo-cristianismo*, do grande especialista Frédéric Mans¹¹. Mas importa recordar que já nos meados do século XX, Jean Daniélou, professor de história das origens cristãs, publicava um belo volume na mesma linha¹².

¹¹ Frédéric MANNIS, *Le Judeo-Christianisme, Mémoire ou Prophétie?* Théologie Historique 117, Beauchesne, Paris 2000.

¹² Jean DANIÉLOU, *Théologie du Judéo-Christianisme*, Paris 1957.

Este trabalho tem por objectivo último dar um pequeno contributo para a redescoberta do judeo-cristianismo, e que mais não seja chamar a atenção para essa tão subtil como escaldante mensagem que está nas origens da nossa fé...

A vinha messiânica

O Salmo 79 revela-nos o profundo significado da metáfora da vinha no Antigo Testamento:

Arrancastes uma videira do Egipto;
expulsastes as nações para a transplantar.
Preparastes-lhe o terreno:
ela deitou raízes e encheu a terra.
A sua sombra cobriu os montes
e os seus ramos os cedros de Deus.
Estendia até ao mar as suas vergôntees
e até ao rio os seus rebentos...¹³

A vinha é o povo escolhido, o eleito de Deus, arrancado ao Egipto e transplantado para a terra da promessa.

O significado mais transcendente deste Salmo ressalta do facto de que ele é Salmo *messiânico*. Assim o entendem os exegetas, nomeadamente os que prepararam a TOB, tendo em vista o versículo 18:

*Pose ta main sur l'homme qui est à ta droite
et sur le fils d'homme qui te doit sa force.*¹⁴

É à luz profética e messiânica deste Salmo que importa interpretar a declaração solene e peremptória de Jesus Cristo no Evangelho de S. João (Jo 15, 1): “Eu sou a verdadeira vinha e meu Pai o vinhateiro”.

A vibração simbólica da vinha no Antigo Testamento ressalta igualmente das representações iconográficas de que foi alvo – faceta pouco conhecida que importa salientar.

¹³ Tradução portuguesa da *Liturgia das Horas*.

¹⁴ Ver *in loco* nota *n* do vers. 16.

Em Jerusalém, no último Templo, o de Herodes, havia uma videira, suspensa nas cornijas da porta que conduzia ao interior, toda em ouro, com grandes ramos, folhas e cachos, de enorme peso e valor – o que levou certos espíritos maldosos a pensar que também os judeus adorariam *Bacchus* (o *Dionysios* dos gregos). Foi Tácito quem desfez a calúnia, mau grado as permanentes fricções entre a população e as autoridades romanas.

Com a destruição de Jerusalém em 70 desapareceu também, como é óbvio, a videira em ouro, mas continuaram as representações iconográficas da videira em sinagogas diversas, dentro e fora da Palestina, o que exclui a função meramente decorativa deste símbolo¹⁵.

“Este símbolo, deduz Willy Rordorf, constitui para os judeus uma espécie de figura emblemática, que lhes recorda a sua esperança messiânica, a vinha de David”¹⁶.

A vinha e o Espírito Santo pré-existente

Para bem situarmos a temática da vinha enunciada em epígrafe, indispensáveis se tornam duas palavras de apresentação: uma do célebre documento *O Pastor de Hermas*; outra da *Similitude V*, onde a parábola em questão se encontra.

O Pastor de Hermas

O Pastor de Hermas é o mais fascinante documento da antiguidade cristã, não só em razão da mensagem que contém como da maneira como a transmite. Escrito por volta dos anos 140-150 segundo tudo parece indicar, está dividido em três grandes secções: 5 *Visões*, 12 *Preceitos* e 10 *Similitudes* que a incomparável imaginação e espírito criativo do autor mais se evidencia.

O carácter *apocalíptico* da obra é admitido por todos, no que diz respeito às *Visões*. “A única diferença é que o vidente é um contemporâneo e as

¹⁵ Ver nesta linha o fascinante trabalho de Willy RORDORF, *Liturgie, Foi et Vie des premiers Chrétiens, Études Patristiques*, Théologie Historique 75, Beauchesne, Paris 1986, p. 493-508.

¹⁶ *Ibid.* p. 501.

visões dizem respeito à vida da Igreja. Sob este aspecto a obra assemelha-se ao Apocalipse de S. João”¹⁷.

A obra respira também, no seu conjunto, a pura fragrância judeo-cristã, sobremaneira nas *Similitudes*. Poder-se-ão admitir, quando muito, algumas influências literárias do helenismo. Jean Daniélou havia apontado já essa faceta na mesma altura. Importa destacar sobretudo a presença, missão e importância dos anjos na explanação teológica. Veremos mais adiante, na *Similitude V*, a presença clara desta angelogia¹⁸.

A V Similitude

A *V Similitude* é inquestionavelmente a mais densa. Importa por isso desmembrá-la e apresentar *pari passu* os diversos temas.

O jejum estacional

O primeiro parágrafo é bem conhecido dos liturgistas e teve impacto decisivo na história do cristianismo, em razão do jejum hebdomadário, chamado *jejum estacional*. Recordemos essa passagem célebre e tão discutida. “Certo dia em que eu jejuava no alto duma colina, dando graças ao Senhor, apercebi-me do Pastor, sentado a meu lado, e dizer: Por que vieste aqui tão cedo? Porque, respondi, Senhor eu faço a *estação*. E o que é a *estação*? Jejuo, Senhor”¹⁹.

A interpretação desta passagem tem feito correr muita tinta aos mais variados sábios. Tudo anda à volta de dois problemas, como é que uma palavra latina, de uso vulgar, *statio*, transliterada para grego, *στατίων*, se transformou em palavra técnica de duas realidades diferentes. Por um lado, o

¹⁷ Jean DANIELOU, *Théologie du Judéo-Christianisme*, Paris 1957, pp. 46-47.

Outros trabalhos do mesmo autor sobre este tema: Jean DANIELOU, *Études d'exégèse judéo-chrétienne (Les Testimonias)*, Paris 1966, pp. 99-107: Un “Testimonium” sur la vigne.

Le Judéo-Christianisme et gnose, in “Aspects du Judéo-Christianisme”, Travaux du Centre d'Etudes Supérieures spécialisé d'Histoire des Religions de Strasbourg, PUF, Paris 1965, pp. 139-166.

Célebre estoutra obra: Jean DANIELOU, *Les Symboles Chrétiens primitifs*, Paris 1961, pp. 38-48: La Vigne et l'Arbre de Vie. Aqui, símbolos cristãos *primitivos* é sinónimo de *judeo-cristãos*.

¹⁸ Ver o primeiro trabalho citado na nota anterior, 46-48. Talvez tenha certo interesse lembrar que o mesmo autor publicou um trabalho específico sobre os anjos. Jean DANIELOU, *Les Anges et leur mission*, Éditions Chevetogne 1953.

¹⁹ *Similitude V*, 1. Nas nossas referências seguimos a edição de Robert JOLY, *Hermas. Le Pasteur*, Sb 225.

jejum das quartas e sextas-feiras; por outro, mais tarde, o da liturgia estacional em Roma, presidida pelo Papa.

Christine Morhamann, a grande especialista da latinidade e greicidade cristãs, da escola de Nimega, equacionou há várias décadas já toda a problemática e não é da nossa intenção e competência levantá-la de novo²⁰.

Da mesma parte, compete-nos apenas assinalar que o problema parece definitivamente resolvido por um grande especialista do judeo-cristianismo, Frédéric Manns. Segundo ele a *Statio* “não é mais que a tradução do termo hebraico *ma'amad*”²¹.

A parábola da vinha

Na V Similitude vem de imediato a descrição da parábola evangélica da vinha, logo seguida duma longa paráfrase do vinhateiro, de natureza judeo-cristã.

Por fim, a parábola que suscitou o título e a problemática deste capítulo, e que por tal motivo nos merecerá particular atenção.

A seguir ao texto apresentaremos a chave do enigma que ele representa. Pretendemos com esse contributo chamar a atenção para a importância das categorias e do pensamento teológico do judeo-cristianismo nos primeiros séculos, tão esquecido e ignorado que está na história do pensamento cristão. Estamos de facto convencidos de que só nós, os filhos e herdeiros da gentilidade e do helenismo, é que somos os detentores de uma aureolada e exclusiva aproximação e reflexão do mistério. Como se a percepção e vivência dos mistérios sagrados pudesse ser inclausurada ou reservada apenas a homens e mulheres de certa casta ou clausura intelectual e cultural...

A vinha e o Espírito Santo preexistente

Deus plantou, isto é, criou o seu povo, e confiou-a a seu Filho.

Seu Filho encarregou os anjos de zelarem por cada um dos seus membros. Ele mesmo a purificou dos seus pecados pelos sofrimentos da sua Paixão, pois ninguém poderá cuidar duma vinha sem trabalho e canseiras.

²⁰ Christine MORHAMANN, “Statio”, in *Études sur le latin des Chrétiens*, Tom. III, Latin Chrétien et Liturgique, Roma, Editioni di Storia e Letteratura 1965, pp. 308-350.

²¹ Frédéric MANNNS, *L'Israel de Dieu. Essais sur le christianisme primitif*, Franciscan Printing Press, Jerusalem 1996, p. 170. História desta instituição no judaísmo, pp. 166-168.

Tendo purificado os pecados do seu povo, mostrou-lhes também os caminhos da vida, transmitindo-lhes os mandamentos recebidos do pai. Ele é o Senhor do seu povo, pois recebeu do Pai plenos poderes.

O Espírito Santo preexistente, que criou todas as coisas, Deus fê-lo habitar numa carne da sua escolha. Esta carne, na qual o Espírito havia fixado a sua morada, serviu-o admiravelmente, caminhando pelas vias da santidade, sem nunca lhe causar a mínima mancha. Por esta nobre e casta vida [...] Deus quis fazer desta carne a associada do Espírito Santo [...] ²².

Este longo desenvolvimento – que aliás interrompemos por motivos de clareza e simplificação – tem suscitado os mais diversos comentários sobre a ortodoxia de Hermas no que diz respeito ao Mistério trinitário. Na realidade, trata-se de pura e simples especulação de teologia judeo-cristã, ao encarar o Espírito Santo como *Unção*.

Daniel Vigne explica tudo, de maneira clara e concisa, no seu admirável livro sobre a tradição judeo-cristã: “Como Unção, o Espírito ilustra a adequação perfeita da divindade e da humanidade; longe de ser um simples receptáculo da graça, a natureza está destinada a ser ‘impregnada’ de energias divinas, como se fora um óleo ou um perfume, naquilo que se pode designar uma fusão sem confusão. Mais exactamente como óleo da árvore da vida, o Espírito representa o regresso do homem à sua condição paradisíaca” ²³.

A Vinha do Crucificado e dos crucificados

Justino o Mártir é a mais completa e fascinante personalidade dos chamados Apologistas gregos dos meados do século II. Recordemos, em breves pinceladas, a sua trajectória.

Desde jovem, sequioso da verdade absoluta, percorre, desiludido, os grandes sistemas filosóficos da antiguidade clássica. Certo dia – como ele próprio relata – encontrou um venerável ancião que lhe aponta o caminho do “Salvador Cristo”, como ele mais tarde haveria de escrever. Por Ele morrerá também, fascinado pelo heroísmo dos mártires.

²² Similitude V, 6, 2-7. Edição citada na nota 3, p. 239.

²³ Daniel VIGNE, *Christ au Jourdain. Le Baptême de Jésus dans la tradition judéo-chrétienne*, Paris 1992, p. 313.

Entretanto abandona a sua terra, a Palestina, e parte, como filósofo itinerante, a anunciar a verdadeira *filosofia*. Chegado a Roma, aí funda uma escola, onde ensina e escreve durante cerca de vinte anos. Aí será decapitado em 165.

As Apologias

Das muitas obras que escreveu apenas três chegaram até nós: duas *Apologias* e o *Diálogo com Trifão*.

A *I Apologia* é dirigida ao imperador Antonino Pio em defesa dos cristãos, explicando-lhe também, afim de rebater calúnias vulgarizadas, o que na verdade é o cristianismo.

A *II Apologia* consiste num protesto público face a arbitrariedades recentes cometidas contra certos cristãos, por parte do prefeito de Roma, Urbicus.

O *Diálogo com Trifão*, por seu lado, reflecte a discussão com um judeu sobre a interpretação global do Antigo Testamento. O cristianismo, defende Justino, sucede ao judaísmo pela morte de Cristo.

De todos os escritos de Justino, o mais importante é sem dúvida o *Diálogo com Trifão* não apenas nem principalmente por conter a metáfora da vinha, mas por motivos bem mais fortes de variada ordem.

Ele constitui, antes de mais, a primeira apologia, na história da literatura cristã, contra o judaísmo; e sobretudo porque opera uma verdadeira revolução na história da exegese cristã do Antigo Testamento.

Um estudo recente do grande especialista do judeo-cristianismo, Frédéric Manns, veio pôr em relevo, aclarar e aprofundar esta viragem. Em breves palavras, poder-se-á dizer que a exegese judaica era dominada pela “preocupação de dar uma base bíblica à *halakah* e ao ensino moral (*aggadah*); a de Justino é inteiramente determinada pela sua fé em Jesus, que é o Messias, e veio para realizar as Escrituras”²⁴.

Justino tem, no *Diálogo com Trifão* (110,4), esta asserção lapidar, programática, a equacionar dois mundos: “O Israel verdadeiro e espiritual – o Israel de Judá e de Jacob, de Isaac e de Abraão, abençoado e chamado pai de muitas nações – somos nós. Nós os que por Cristo crucificado fomos conduzidos a Deus”.

²⁴ Frédéric MANNs, *Le Judéo-Christianisme*, Beauchesne, Théologie Historique 112, Paris 2000, pp. 107-108.

A vinha do Crucificado

A parábola da vinha é apresentada por Justino em prisma de duas vertentes: dum lado, a perseguição dos cristãos; do outro, a simbólica da vinha. Veremos mais adiante o seu significado teológico.

É na terceira, última e mais longa secção do *Diálogo* (capítulos 109-142) que se encontra a parábola da vinha (capítulo 110, 4).

“Decapitam-nos, crucificam-nos, atiram-nos às feras, metem-nos em cárceres, lançam-nos ao fogo, submetem-nos a toda a espécie de tormentos. E toda a gente sabe que não renegamos a nossa fé. Antes, quanto maiores são os nossos sofrimentos mais cresce o número dos que abraçam e fortalecem a piedade ao divino nome de Jesus”.

“Assim como a vinha, à qual se podam os ramos que já deram fruto, a fim de que floresçam outros mais vigorosos e mais belos, o mesmo acontece connosco. Porque a vinha plantada por Deus e pelo Salvador (Jesus) Cristo é o seu povo”²⁵.

Para Justino o Mártir, a Igreja perseguida do seu tempo é paradigma, a imagem prefigurativa factual, do que é a verdadeira Igreja, a qual deverá configurar-se com Cristo crucificado.

Justino desconhece, repudia, uma Igreja instalada, com medo do mártirio, sorridente mas comprometida, bem-falante mas invertebrada. A vinha do Senhor é a dos que resistem, dos que inovam, dos que sangram, em suma, do povo das bem-aventuranças. Só esta vinha assegura a permanente primavera de Cristo no mundo – neste mundo em chamas, para retomarmos a dolorida expressão de Edith Stein.

Porque o verdadeiro Cristo não é o dos belos e refulgentes crucifixos pendurados no peito, mas o verdadeiro crucificado numa cruz de infâmia...

As duas vinhas de Santo Ireneu

Em carta dirigida a Florinus, padre romano a caminho da heresia, recorda-lhe que ele, Ireneu, em criança esteve em contacto íntimo com Poli-

²⁵ Esforçamo-nos por apresentar, com a clareza e o rigor possível, o genuíno pensamento de S. Justino, ultrapassando digressões várias de natureza retórica que caracterizam o seu estilo.

carpo de Esmirna, e, por esta via, também com João e outros discípulos que viram o Senhor. Assim tomou conhecimento dos milagres e verdadeiros ensinamentos do Verbo da Vida; que ele, Ireneu, escutava estas coisas com afeição e delas tomou bem nota, não por escrito mas no recôndito do seu coração, continuando a meditá-las com inteira fidelidade²⁶.

Eis o retrato de Ireneu e todo o programa da sua vida. Alguém que tocou de perto o divino e religiosamente, sem cessar, o transmite e defende. Por estes dados poder-se-á concluir que nasceu em Esmirna, ou algures na Ásia Menor, por volta de 140-160.

Sem sabermos como e porquê vamos encontrá-lo presbítero em 177 nas Gálias, mais exactamente em Lyon. Dado o seu prestígio, um grupo de cristãos que já havia sofrido pela fé pede-lhe uma missão junto do Papa Eleutério em Roma. Entrementes morre martirizado o bispo Potino e Ireneu sucede-lhe como bispo de Lyon.

Das variadas obras que escreveu, só duas chegaram até nós, em traduções (latina e arménia), salvando-se apenas alguns fragmentos do original grego. A primeira é constituída pelo monumental trabalho em cinco livros, sob o título (grego) de *Exame e refutação da falsa gnose*, mais conhecida pela designação (latina) de *Adversus Haereses (AH)*²⁷.

A outra é chamada *Demonstração da Pregação Apostólica*, obra que poderemos classificar como um belo catecismo, dividido em dois grandes capítulos: um de natureza histórico-religiosa e outro de exposição cristológica²⁸.

O objectivo deste trabalho não é o de estudar a teologia de Santo Ireneu, incontestavelmente o maior teólogo do século II, mas tão só apresentar as duas parábolas da vinha insertas no *Adversus Haereses*: a *Vinha do género humano* e a *Vinha escatológica*.

Tão díspares são estas duas temáticas que exigem tratamento separado, próprio e independente.

²⁶ Resumo dos dados fornecidos por Eusébio de Cesareia na sua célebre *História Eclesiástica*, V, XX, 5-7. Ver Gustave BARDY, *Eusébe de Césarée, Histoire Ecclésiastique*, II, Sb 41, Livres V-VII, Paris 1955, pp. 62-63.

²⁷ Nas nossas referências utilizaremos a magnífica edição crítica de Adelin ROUSSEAU e Lovis DOUTRELEAN, com dois volumes para cada livro: um de texto e outro de notas. Em cada citação indica-se o respectivo volume dos Sb, seguida da numeração própria e página.

²⁸ Última e excelente edição de Adelin ROUSSEAU, *Irénée de Lyon, Démonstration de la Prédication Apostolique*, Sl 406, Paris 1995.

A vinha do género humano

Na transcrição que se segue houve a preocupação de inteira fidelidade ao pensamento de Ireneu, evitando certas passagens um tanto prolixas.

A disposição gráfica, bem como a numeração marginal – esta destinada a pôr em relevo os três grandes períodos da história religiosa da humanidade – são também da nossa responsabilidade.

1. Deus plantou a vinha do género humano
pela criação do homem e a eleição dos Patriarcas.

2. Confiou-a depois aos vinhateiros,
pela lei de Moisés.
Construiu uma torre
e escolheu Jerusalém.
Abriu um lagar,
como receptáculo do Espírito.
Enviou-lhes Profetas
antes do exílio da Babilónia.
E muitos outros depois do exílio,
para reclamar os frutos da justiça.
Finalmente enviou-lhes seu Filho,
Jesus Cristo, que eles mataram.

3. Agora a vinha não está circunscrita a Israel
mas a outros vinhateiros,
estendida a toda a humanidade.
A torre de eleição é a Igreja,
que resplandece no mundo inteiro.
Em toda a parte um lagar,
porque em toda a parte
é dado o Espírito Santo.
É a todos os homens, a todos os povos,
que Deus confiou o cuidado
de fazer frutificar a terra²⁹.

²⁹ *AH*, Sb 100, Livro IV, 36,2 pp. 882-887.

Importa anotar antes de mais que o título da parábola *A vinha do género humano* não é extrapolação nossa, mas formulação precisa de Ireneu.

Por outro lado, lembrar que vem precedida de comentário, ou talvez melhor, de uma paráfrase da parábola da vinha de Mateus (Mt 21, 33-43); e que ela se enquadra no contexto global do Livro IV do *Adversus Haereses*, ou seja, provar contra as heresias da época e com as próprias palavras de Cristo a unidade dos dois Testamentos.

De salientar ainda alguns pontos de natureza teológica na aproximação tipológica da vinha que é Israel e da vinha que é a Igreja.

Ressalta também à vista a importância que Ireneu dá à presença do Espírito Santo, quer no Antigo quer no Novo Testamento, bem como a aproximação simbólica e figurativa do lagar e do Espírito. Para Ireneu o Espírito Santo é o princípio de vida do universo e da história.

A mensagem espiritual desta parábola, dirigida a quantos trabalham na vinha do Senhor, está contida nesta afirmação densa, única, vigorosa, permanente válida na perenidade dos tempos.

Deus não tem necessidade de nada,
mas o homem precisa da comunhão com Deus.
Porque a glória do homem
consiste em perseverar no serviço de Deus...³⁰

A vinha escatológica

A disposição gráfica da transcrição é da nossa responsabilidade.

Dias virão em que vinhas crescerão,
tendo cada uma dez mil cepas.
E cada cepa, dez mil rebentos
e cada rebento, dez mil cachos
e cada cacho, dez mil bagos.
E cada bago prensado

³⁰ *Ibid.*, Livro IV, 14, 1, p. 541

dará vinte cinco mil medidas de vinho.
E quando um dos santos colher um cacho
outro cacho lhe gritará:
Eu sou melhor, colhe-me a mim,
e, por mim, bendiz ao Senhor³¹!

Importa anotar de imediato que o título de *Vinha escatológica*, embora não seja referenciado de modo expresso no original, se justifica, uma vez que Ireneu fala claramente da ressurreição dos mortos “os quais serão cummulados da glória de Deus”.

Uma apreciação serena e objectiva desta parábola, à primeira vista paradoxal, exige também que a posicionemos no contexto literário e teológico do Livro V do *AH*. Este livro é quase inteiramente destinado a provar a ressurreição dos mortos, negada pelos gnósticos. Oicamos o próprio Ireneu (V, 33, 3): “Então, também a criação, liberta e remodelada, produzirá toda a espécie de alimentos, graças ao orvalho do céu e à fertilidade da terra”. Seguem-se dois exemplos concretos: o da vinha, que transcrevemos, e, logo a seguir, o do grão de trigo e outra sementes.

Encontramo-nos aqui no mundo da simbologia, único caminho possível para falar da transcendência e dos mistérios de Deus.

Místicos houve na história que tiveram a percepção da grandiosidade dos tempos escatológicos e procuram expô-los em parábolas ou símbolos. Um dos mais paradigmáticos testemunhos é o da célebre visionária da Idade Média, Hildegarda de Bingen. Eis como ela profetiza, conquanto o latim em que se exprime não seja fácil de interpretar: “No fim dos tempos, o homem assemelhar-se-á ao círculo dourado duma roda. Purificado o seu corpo e o seu espírito, chegará à plena maturidade; e a clausura dos segredos mais profundos, abrir-se-á”³².

Este círculo, como ela sugere noutras passagens, é o amor de Deus, o qual está na origem da criação e dos tempos, e desabrochará por fim em plenitude para a eternidade...

³¹ *AHSb* 153, Livro V, 33, 3 p. 415.

³² Heinrich SCHIPPERGES, *Hildegarde de Bingen (1098-1179)*, traduit de l'allemand par Pierre Kemner, Éditions Brepols, Paris 1996, p. 177. Esta obra é um excelente resumo da vida, obras e pensamento desta extraordinária mulher, contemporânea e de frequente correspondência com S. Bernardo.

Santo Ireneu declara expressamente (*AH*, V, 33, 4) que viu esta parábola escrita no quarto livro de Papias, “homem venerável, ouvinte de João e familiar de Policarpo”. Eusébio de Cesareia, na célebre *História Eclesiástica* (III, XXXIX, 11), desvaloriza este testemunho ao insinuar que Papias “acrescenta coisas que teriam chegado até ele por tradição oral, certas parábolas estranhas do Salvador e certos ensinamentos fabulosos”³³. A desconfiança de Eusébio tem alguma justificação. Ele é um grande historiador, mas de cultura helénica e, como tal, insensível às categorias do judeo-cristianismo.

A publicação recente de duas obras suas mostra a finura da sua visão da história³⁴. Por um lado, a intuição da conversão total e definitiva do mundo antigo ao cristianismo, na altura ainda meio pagão. Por outro, a reforma política operada por Constantino, de que ele é incondicional admirador, e a futura organização do império cristão. Para além do tempo, todavia, há o fim dos tempos e dos impérios...

Um autor moderno, Daniel Vigne, no seu admirável trabalho sobre o baptismo de Cristo, explica a origem da parábola escatológica da vinha desta maneira: “O judeo-cristianismo não elaborou uma cristologia no sentido preciso do termo. Exprime a sua fé em Cristo com o auxílio de materiais bíblicos e simbólicos de que dispõe, o que constitui ao mesmo tempo o interesse e a fraqueza desta tradição”³⁵.

Outro conhecedor moderno do judeo-cristianismo salienta que a vinha no Antigo Testamento evoca e prenuncia a “plenitude escatológica”³⁶.

Em capítulos posteriores deste trabalho será aprofundado o sentido da vinha escatológica.

A vinha e a força do Espírito

O retrato de Santo Hipólito foi delineado há vários anos já por Dom Bernard Botte, em pinceladas precisas e irredutíveis, na introdução à sua edição da *Tradição Apostólica*, mau grado a polémica gerada à volta deste cé-

³³ Ver obra citada na nota 1, p. 156.

³⁴ Eusèbe de Césarée, *La théologie politique de l'Empire chrétien. Louanges de Constantin*. Introduction, traduction et notes par Pierre Maraval, Cerf, Paris, 2001.

³⁵ Daniel VIGNE, *Christ au Jourdain. Le Baptême de Jesus dans la tradition judéo-chrétienne*. Paris, 1992, p. 312.

³⁶ Frédéric MANNIS, *Le Judéo-Christianisme*, Beauchesne, Théologie Historique 112, Paris 2000, p. 255. Ver na mesma página os restantes exemplos.

lebre documento³⁷. A *Tradição Apostólica*, com efeito, está na base de importantes documentos ulteriores, tais como as *Constituições Apostólicas*, o *Epítome do Livro VIII das Constituições Apostólicas*, o *Testamento de Nosso Senhor Jesus Cristo* e o *Octateuico de Clemente*, documentos que tiveram influência decisiva no desenvolvimento do culto cristão e na organização das Igreja no Oriente.

Quem era Hipólito? Um escritor fecundo dos princípios do século III com personalidade e obras multifacetadas³⁸. Ele é também um homem muito controverso³⁹.

Sabemos que teve graves dissensões como Papa Zeferino (199-217) e com o seu sucessor o Papa Calisto (217-222), e, o mais grave de tudo, aparece-nos como responsável e chefe de uma comunidade dissidente. Teria sido ordenado bispo?

Na perseguição de Maximino em 235, é exilado para a Sardenha, conhecida então como a “Ilha da morte”, e aí executado com o Papa Ponciano. A perseguição atingiu os dois e a ambos aureolou com a graça do martírio.

Como explicar a trajectória inglória deste homem de génio? Simples motivações de carácter pessoal ou quezílias artificiais? Decididamente que não.

Lietzmann, na sua *História da Igreja Antiga*⁴⁰, põe em relevo factos vários da comunidade de Roma, de natureza doutrinal em que Hipólito directa ou indirectamente intervém. Limitar-nos-emos a sublinhar a problemática de fundo, sem qualquer pretensão a juízos de valor, aliás ainda hoje difíceis de formular.

Segundo Lietzmann foram os doutores da Ásia Menor que criaram em Roma o movimento teológico, mas a confusão era grande. Teódoto, por exemplo, ensina o adopcionismo; Noeto e Práxeas o monarquianismo, o que obrigou à intervenção do Papa Victor.

Justino o Mártir havia já resolvido simultaneamente o problema trinitário e cristológico com a teologia da encarnação do Logos. Hipólito consi-

³⁷ *La Tradition Apostolique de Sain Hippolyt*, Essai de Reconstitution para Dom Bernard Bolte O.S.B., Münster Westfalen 1963, páginas XI, XII e XIII.

³⁸ Visão geral das obras de Hipólito em J. QUASTEN, *Initiation aux Pères de l'Église*, Tom. II, Cerf, Paris, 1957, pp. 197-216.

³⁹ Sintetizamos os dados de Dom Bernard Botte, nas páginas XI, XII e XIII, referidas na nota 1.

⁴⁰ H LIETZMANN, *Histoire d l'Église Ancienne*, Traduction française de André Jundt, Tom.II, Paris 1937, pp. 247-252.

dera-se a si mesmo como legítimo continuador e defensor de Justino – e neste caso com inteira razão...

A vinha e a força do Espírito

A vinha espiritual = o salvador
Os sarmentos e as parras = os Santos
Os cachos = os Mártires
As árvores unidas à videira = a Paixão
Os vindimadores = os Anjos
Os cestos que recolhem as uvas = os Apóstolos
O lagar = a Igreja
O vinho = a força do Espírito⁴¹.

Cumpra-nos observar, antes de mais, que a apresentação gráfica da parábola é da nossa responsabilidade e destina-se a pôr em relevo o simbolismo da vinha ou da videira, com o significado que o autor lhe atribui. Ele é o próprio a esclarecer alguns pontos. Assim, por exemplo, explicita que “os Santos são aqueles que crêem em Jesus Cristo, o Salvador”, muito provavelmente para justificar e contracenar duas simbólicas diferentes: a dos Santos e a dos Mártires. Do mesmo modo esclarece que as árvores unidas à videira “mostram” a Paixão, simbólica esta de percepção um tanto difícil à primeira vista.

Outra observação preliminar indispensável diz respeito ao título da parábola. O título que lhe demos, *A vinha e a força do Espírito*, corresponde exactamente à última estrofe e harmoniza-se com outras referências à vinha, nomeadamente o lagar e a Igreja.

Apreciação teológica

A primeira estrofe da parábola – *a vinha espiritual e o Salvador* – está claramente inspirada no Evangelho de S. João (Jo 15, 1): “Eu sou a verdadeira vinha e meu Pai o vinhateiro”.

⁴¹ Seguimos o texto de Frédéric MANNIS, *Le Judéo-Christianisme*, Paris 2000, pp. 369-370.

Importa salientar e apreciar, nas duas estrofes que se seguem – *Os sarmentos e as parras são os Santos; e os cachos, os Mártires* – a singela transparência destes dois símbolos.

Os *Santos* testemunham em permanência, perante o mundo, por vezes incrédulo, a floração constante da vinha do Senhor.

Os *Mártires*, por seu lado, e tendo em vista o testemunho do martírio, são a imagem viva do Senhor que derramou o seu sangue pela vida e fertilidade da sua vinha.

A quarta estrofe – *As árvores unidas à videira mostram a Paixão* – inspira-se muito provavelmente na *Similitude II* do *Pastor de Hermas*⁴². Nesta obra, com efeito, discute-se o problema da união do ulmeiro (em português também chamado negrilho) à videira. Ora esta árvore era na antiguidade considerada estéril. Hipólito rejeita o pendor moralizante do *Pastor de Hermas* e revigora esta união em sentido anagógico. O ulmeiro estéril simboliza a natureza humana. O Verbo divino une-se a ela para salvá-la e sofre assim a Paixão redentora.

A quinta estrofe – *Os vindimadores são os Anjos* – merece também especial atenção. A presença dos Anjos marca, sem sombra de dúvida, uma influência do judeo-cristianismo. Porém, como interpretar aqui a noção de anjo? No mesmo sentido que lhe era dado nas mais arcaicas manifestações dos Anjos no Antigo Testamento. Ou seja, a realidade de uma intervenção divina, respeitando ao mesmo tempo a transcendência de Deus oculto.

Esta intervenção esclarece as três últimas estrofes. É Deus que escolhe e envia os Apóstolos, funda a Igreja e permanentemente a inunda com a força do Espírito – mistério supremo do amor eterno de Deus pelo homem, manifestado no tempo e simbolizado na parábola da vinha...

Glória a ti, Espírito divino!

Neste contexto, pareceu-nos indispensável recordar um documento célebre, único, chamado *Didascália dos doze Apóstolos*. Esta obra descreve-nos em pormenor os múltiplos aspectos da vida interna de uma comunidade cristã, provavelmente de origem judeo-cristã, em ambiente sírio do Patriarcado de Antioquia, nos meados do século III.

⁴² Seguimos a edição de Robert JOLY, *Herms Le Pasteur*, Sb 53, Paris 1958, p. 214-219. Ver nota 2 da p. 215.

O original grego perdeu-se, mas as variadas traduções que chegaram até nós – siríaca, copta, árabe e 3/8 de uma versão latina num palimpsesto de Verona – mostram a irradiação que teve na Antiguidade. E justificam também o interesse que ainda suscita e se comprova por várias traduções em línguas modernas; francesa (Paris 1912), que utilizaremos⁴³; inglesa (Oxford 1929, reeditada em 1971), e alemã (Leipzig 1904, com anotações de H. Hans Achelis).

Não é porém o conjunto da obra que motiva a nossa reflexão, mas o pequeníssimo capítulo I (que hoje designariamos por *Prólogo*)⁴⁴. Este poder-se-á considerar como um verdadeiro poema, a reflectir em variados prismas a metáfora da “vinha santa da Igreja”. Ela é plantação de Deus, a quem foi comunicada a força do Espírito Santo. E por este divino Espírito são igualmente fortificados todos os seus membros, em virtude da efusão do sangue puro e precioso de Jesus Cristo, o qual nos permite chamar a Deus Pai, como filhos da herança.

O que mais cativa nesta exposição é o relevo dado à presença actuante do Espírito Santo no mistério da Igreja – visão que aliás é património teológico e espiritual das Igrejas orientais⁴⁵ e que vem ao recontro da nossa parábola: *A vinha e a força do Espírito*, o que não é para admirar, pois há quem pense que Hipólito é de origem oriental⁴⁶.

Semelhante testemunho incitar-nos-á a louvar, agradecer, implorar esse Espírito divino, tão desconhecido e silenciado no quotidiano da nossa oração, mas que no íntimo do nosso ser é fonte de vigor e de sabedoria, manancial infinito de vida eterna...

A plenitude da vinha escatológica

Frédéric Manns, do “Studium Biblicum Franciscanum” de Jerusalém, publicou há anos um trabalho verdadeiramente magistral, referente ao célebre apócrifo da *Dormição de Maria* (Vaticano grego 1982)⁴⁷.

⁴³ *La didascalie des douze Apôtres*. Traduction du syriaque pour la première fois par F. Nan. Deuxième édition, Paris 1912.

⁴⁴ O Prólogo-poema a que nos referimos ocupa apenas meia página.

⁴⁵ Ver, a título de exemplo, o trabalho de EMMANUEL – PATAG SIMAN, *L'expérience de l'Esprit par l'Église, d'après la Tradition Syrienne d'Antioche*, Beauchesne, Théologie Historique 15, Paris 1971.

⁴⁶ É a opinião autorizada, entre outras, de H. von CAMPENHAUSEN, *Les Pères Grecs*, Éditions de l'Orante, Paris 1963, pp. 40-50, na apresentação de Orígenes.

⁴⁷ *Le Récit de la Dormition de Marie* (Vatican grec 1982), Franciscan Printing Press, Jerusalem 1989.

Esta obra impõe-se desde logo pela apresentação gráfica: grande formato, capa a cores, papel de qualidade, e sobremaneira pelo conteúdo científico e técnico: cópia do texto grego e respectiva transcrição, bem como, em paralelo, a versão latina e respectiva sinopse dos textos. O autor justifica a razão de ser do trabalho: dar um contributo para o estudo dos apócrifos da *Dormição de Maria* e às origens da fé na *Assunção de Maria*. Trabalho admirável, portanto, digno da nossa admiração e reconhecimento.

O nosso interesse por este célebre documento deve-se ao facto de lá encontrarmos a metáfora da vinha e não o documento como tal, que ultrapassa a nossa competência. Assim, limitar-nos-emos a breves apontamentos, para o enquadrar no contexto histórico e literário, teológico e mariológico.

O primeiro facto a ter em conta é que este documento teve uma enorme irradiação nas cristandades dos primeiros séculos, como o demonstram as diversas traduções nas mais variadas línguas: etíope, siríaca, georgiana, árabe, copta, arménia, latina, algumas das quais chegaram até nós.

Outro ponto a salientar é que neste caso *apócrifo* não é sinónimo de *heterodoxo*, dado que os cristãos provenientes do judaísmo exprimem a sua fé em tais categorias⁴⁸.

Outro pormenor a ter presente é a data do manuscrito mais antigo. Segundo Frédéric Manns deverá situar-se entre os fins do século II ou princípios do século III, o mais tardar princípios do século IV⁴⁹.

Por fim (problemática apaixonante), quem terá sido o autor do documento? Eis a resposta peremptória de Frédéric Manns: “O autor apócrifo é um cristão saído da Sinagoga, porque o modo de se exprimir está ainda muito próximo do judaísmo⁵⁰.”

Anos mais tarde, e desta feita na Europa, publicou Frédéric Manns outro belo livro, de temática apaixonante, isto é, sobre o judeo-cristianismo⁵¹. Aí retoma (cap. IV) a temática da *Dormição de Maria*, sob o título de *A mariologia do apócrifo* (manuscrito R: Romanus)⁵².

Mais adiante explana o tema de nosso directo interesse, ou seja, a simbólica da vinha. Explica que na “Bíblia a vinha evoca a *plenitude escatológica*”⁵³;

⁴⁸ *O. c.* pp. 35-36.

⁴⁹ *Ibid.*, pp. 204 e 216.

⁵⁰ *Ibid.*, p. 216.

⁵¹ *Le Judéo-Christianisme, Mémoire ou Prophétie?* Théologie historique 112, Beauchesne, Paris 2000.

⁵² *Idem*, p. 249 s.

⁵³ *Ibid.* p. 255.

e apresenta dois exemplos concretos. O primeiro é do profeta Amós (9, 13-14): “Eu mudo o destino de Israel meu povo. [...] Eles plantam vinhas para beber o seu vinho. [...] Eu planto-os na sua terra, diz o Senhor”. O testemunho do profeta Oseias (2, 17-20) é ainda mais incisivo: “Eu lhes restituirei suas vinhas. [...] e chamar-me-ão seu esposo”⁵⁴.

Chegou o momento de transcrever a passagem que particularmente nos interessa. Convém ter presente que Maria é mãe de todos os que são salvos e que é à volta dela que estão reunidos os Doze, simbolizando a Igreja⁵⁵.

Eu bendigo as palavras de vida saídas da tua boca,
e que de verdade nos foram dadas.
Eu creio que aquilo que tu me disseste se realizou.
Tu disseste com efeito: Enviarei todos os Apóstolos
para junto de ti, quando saíres do teu corpo.
E eis que eles estão reunidos.
Eu sou como videira fecunda no meio deles
como na altura em que estava contigo.
Tu eras como videira no meio dos teus anjos,
acorrentando os teus inimigos em pleno vigor⁵⁶.

Para se compreender a glorificação plena de Maria, importa anotar que a *Dormição* descreve por etapas a subida ao Céu. Primeiro foi a sua alma levada pelo Arcanjo Miguel. Entretanto, os Apóstolos conduzem o corpo ao túmulo. Por fim, é levado o corpo pelo mesmo Arcanjo e nele reposta a alma, sob a árvore da vida⁵⁷.

Nós que somos seus filhos, aguardamos em terna e angustiada esperança, que lateja no mais fundo do coração, a esperança de nos encontrarmos também um dia à sombra da árvore do Paraíso, glorificando sem cessar a Mãe de todos os que salvam...

⁵⁴ *Ibid.*

⁵⁵ *Ibid.* p. 256.

⁵⁶ *Le Récit de la Dormition de Marie*, Cf. Nota 1, p. 246, n.º 29.

⁵⁷ *Ibid.* p. 249, n.ºs 35 a 48.

A santa vinha de David (“Didaché” IX)

Embora o nosso objectivo se circunscreva ao capítulo IX da *Didaché*, pareceu-nos contudo indispensável uma breve apresentação deste célebre documento, simultaneamente fascinante e polémico. A palavra grega Διδαχή (doutrina, ensino) indica a referência geral à obra, pois na realidade esta tem por título *Doutrina dos doze Apóstolos*, o que de per si é já altamente significativo.

O nosso guia, nesta apresentação, será a última e excelente edição comentada, que resulta da colaboração de dois grandes sábios: Willy Rordorf e André Tuilier⁵⁸.

Este documento remonta, sem dúvida à idade apostólica, sendo por vezes considerado na antiguidade como livro inspirado. A partir do século IV porém, com a fixação do cânone dos livros sagrados, foi pouco e pouco caindo no esquecimento⁵⁹. Daí a sensação causada, nos meios culturais, quando nos fins do século XIX se descobriu um manuscrito e sobretudo, em 1883, quando apareceu a respectiva edição *princeps*⁶⁰.

Importa acrescentar que as preces dos capítulos IX e X, que de modo directo nos dizem respeito, essas remontam seguramente às primeiras comunidades cristãs da Síria e/ou da Palestina⁶¹.

Genealogia davídica de Jesus

A temática da vinha de David tem uma fundamentação profética no Antigo Testamento, de harmonia com o II Livro de Samuel, 3, 18: “O Senhor declarou a respeito de David: salvarei o meu povo Israel da mão dos Filisteus e de todos os seus inimigos”.

E daí esta afirmação nuclear, precisa, lúcida, de Enrico Mazza: “Jesus est le prophète eschatologique qui porte à l’accomplissement la figure de David et son oeuvre pour le peuple. Dans cette perspective, le christianisme est un développement et une explication du judaïsme, à l’intérieur duquel il demeure”⁶².

⁵⁸ Willy RORDORF – André TUILIER, *La Doctrine des douze Apôtres*, Sb 248, Cerf, Paris 1978.

⁵⁹ *O. c.*, 11 para uma apresentação geral da *Didaché*, ver o trabalho recente de Simon Claude MIMOUNI, *Le Judéo-christianisme ancien*, Paris 1998, p. 1931.

⁶⁰ *O. c.*, 12. Sobre a emoção causada, que atingiu por vezes contornos de uma certa paranóia, ver Jean-Paul AUDET, *La Didaché. Instructions des Apôtres*, Paris 1958, pp. 1, s.

⁶¹ *O. c.*, p. 47.

⁶² Enrico MAZZA, *L’Action Eucharistique. Origine, développement, interprétation*. Traduction de l’italien par Jacques Mignon. Révision scientifique par Marie-Josée Poirée, Cerf, Paris 1999, pp. 92-93.

A realização messiânica da pessoa de Jesus, descendente de David, atravessa e transparece no Novo Testamento, sobretudo nos Sinópticos. Não nos admiremos por isso que já a *Didaché* nos fale da “santa vinha de David”. Mc 10, 46-52, ao descrever a cura do cego de nascença, Bartimeu filho de Tímeu, explicita que ele implora: “Filho de David, Jesus, tem piedade de mim”. E os tradutores da TOB (na nota *i*) observam que este é o título popular do messias. Mais adiante ainda, Marcos, aquando da entrada triunfal em Jerusalém (Mc 11, 10), relata que Jesus é aclamado: “Bendito o reino que vem, o reino de David nosso Pai”. Esta aclamação reinterpreta, em sentido messiânico, o Salmo 118, aliás directamente citado.

Mt 21, 9, também na entrada triunfal em Jerusalém, declara que a multidão gritava “Hossana ao Filho de David”, de harmonia com os versículos 25 e 26 do Salmo 118.

Por seu turno, em 2 Tim 2, 8-11, Paulo exorta Timóteo a lutar com fidelidade pelo Evangelho e pede-lhe que não tenha vergonha de dar testemunho do Senhor. Mais adiante temos a transcrição de um pequeno hino, onde se canta: “Lembra-te de Jesus Cristo ressuscitado de entre os mortos, da descendência de David”. E os tradutores da TOB (na nota *p*) esclarecem que este hino é uma profissão de fé, proveniente das comunidades judeo-cristãs, o que uma vez mais nos recorda *Didaché* IX.

Temos igualmente uma referência a David nos *Actos dos Apóstolos* que diz respeito, uma vez mais, à pregação de Paulo (Act 13, 23). No discurso dirigido aos judeus em Antioquia da Pisídia, recorda-lhes, entre outras coisas, que Deus suscitou David como rei e que da sua descendência “suscitou Jesus, o Salvador de Israel”. Os tradutores da TOB (na nota *h*) acrescentam que a ascendência davídica de Jesus tem lugar importante na pregação dirigida aos judeus.

Recordemos, por fim, que também o *Apocalipse* contém uma referência bem directa à genealogia de David, ao afirmar (Ap 22, 16): “Eu sou o rebento da linhagem de David, estrela brilhante da manhã”. Esta ideia está já insinuada em Ap 5, 5, onde se fala do “rebento de David”.

Em consonância com estas referências, apraz-nos registar esta pertinente conclusão do grande especialista do judeo-cristianismo Daniel Vigne, referente ao baptismo de Jesus: “Celui qui a été annoncé comme le fils de David (Lc 1, 32) est au baptême désigné comme le nouveau David, le Roi éternel. Il est l’Oint du Seigneur, prophétiquement et mystérieusement désigné comme son Fils”⁶³.

⁶³ Daniel VIGNE, *Christ au Jourdain. Le Baptême de Jésus dans la tradition judéo-chrétienne*, Paris 1992, p. 130.